

PRESENÇA DO HUMORISMO NA LITERATURA CEARENSE (*)

Sânzio de Azevedo

Numa conferência proferida aqui em Fortaleza, na Casa de Juvenal Galeno, pelos anos 50, o famoso ator Procópio Ferreira afirmou, a certa altura:

O homem ri por dois motivos: os eternos e os transitórios. Os motivos transitórios do riso é que variam de época para época, de dia para dia, conforme as circunstâncias da própria vida, segundo as variações desses próprios motivos e a formação dos contrastes. (1)

Isso explicaria por que as grandes comédias de Molière, com tipos que transcendem seu tempo, fazem rir ainda hoje, o que não acontece com todos os poemas satíricos de um Gregório de Matos, alguns dos quais voltados para aspectos locais e temporais.

Nosso objetivo aqui é detectar o humorismo na literatura do Ceará, ao longo dos tempos, e se vários dos textos escolhidos não parecerem tão cômicos, isso pode-se dever não só ao problema dos motivos transitórios, de que fala Procópio Ferreira, mas também ao próprio gosto do selecionador.

As mais remotas atividades literárias da nossa Província, por volta de 1813, estiveram circunscritas aos Oiteiros do Governador Sampaio, de que nos fala Dolor Barreira. Mas nada

(*) Palestra proferida no curso *O Cômico na Literatura*, na UFC, em novembro de 1986.

1) FERREIRA, Procópio. "Como se ria antigamente." *Anais da Casa de Juvenal Galeno*. Fortaleza, Imprensa Oficial, t. II, 1958, p. 48.

nos ficou de humorismo desse tempo de louvações em odes e sonetos neoclássicos.

No Romantismo é que vamos encontrar aqueles que talvez sejam os primeiros versos humorísticos de nossa terra.

O episódio é conhecido: sendo alferes da Guarda Nacional, Juvenal Galeno deixou, em 1859, de comparecer a uma revista da tropa, preferindo almoçar um peru com o poeta Gonçalves Dias, que estava no Ceará na famosa Comissão Científica. O comandante do batalhão, João Antônio Machado, aplicou ao poeta cearense, como castigo, seis dias de detenção. O resultado foi *A Machadada*, "poema fantástico", segundo lhe chamou o autor, e editado em 1860.

Não cremos que provoque risos hoje, mas na época os amigos do jovem poeta, conhecendo a figura satirizada, devem ter gargalhado com versos como estes:

"Senhor, — dizem alguns, fique tranqüilo,
Tanta raiva p'ra quê. Neste almo dia
Não receia morrer de apoplexia?"
— "Deixe estar, deixe estar! — Diz o camelo,
Eu pretendo ensiná-lo... caia o pêlo
Que me enfeita o carão, se na cadeia
O vate não *cantar*, como a sereia!
E por isso hoje mesmo, ó comandante,
O vate quero preso, o petulante
À minha ordem, entendeu?"

Diz o sendeiro.

Bufando, como bufa o seu traseiro,
Dando sobre o arção da sela ornada,
Qual se fora no bardo a machadada!

No seu livro principal, as *Lendas e Canções Populares*, não na primeira edição, de 1865, mas na segunda, de 1892, onde figuram as *Novas Lendas e Canções*, compostas de 1866 a 91, vamos encontrar o poema "Outrora e Hoje", o qual, baseado em uma cantiga popular, filosofa de maneira jocosa sobre o passar dos tempos:

Quando eu era pequenino,
Que inda andava em camisão,
As faceiras me diziam:
— Venha cá, meu coração!
Agora como estou grande:
— Saia daqui, paspalhão!

Há uma diferença de gradação entre os dois textos de Galeno: em *A Machadada*, o poeta pode ter feito rir, mas ele mesmo estava indignado com a detenção que sofrera; em "Outrora e Hoje", ele apenas faz rir e ri também, ingenuamente, sem nenhum intuito vindicativo

X. de Castro, nome literário de Augusto Xavier de Castro, escreveu poemas românticos, alguns dos quais musicados e cantados na velha Fortaleza das serenatas ao luar. Mas, sob nítida influência de B. Lopes, começou a publicar no *Liberador*, nos anos 80 do século passado, os cromos que seriam mais tarde, em 1985, enfeixados em livro pelos seus companheiros da Padaria Espiritual. Antes disso, porém, vários desses cromos foram estampados n'O Pão, órgão do grêmio. Inaugurando o Realismo na poesia cearense, X. de Castro coloriu seus cromos de notas não só graciosas, mas até anedóticas, não faltando a nota regional. É o caso de "Malicioso":

Da casinha ali ao lado
Reverdeja a mongubeira;
Brinca, à sombra, n'uma esteira
Nenê já todo rajado.

Outro, nos galhos trepado,
— O Tonho — esquece a canseira
De pegar a *lavandeira*,
No ninho lá pendurado,

Quando vê que nos banquinhos
A rir, conversam, sozinhos
O pai e a mãe... mais ninguém...

Ri-se o Tonho e grita: — *Al! al!*
Muito bom! Heim, seu papai?!
Namorando c'a mamãe?!

O poema é cearense, apesar da rima lusitana.

Um dos cromos mais divulgados de X. de Castro é "Contratados", de caráter claramente anedótico sobretudo pelo imprevisto do verso final:

Ela agora foi pedida
Para em agosto casar-se,
E desde logo pagar-se
Terna promessa devida.

Ao vê-la já prometida
Vai o noivo retirar-se...
Mas dela ao aproximar-se
Sente-a triste... comovida!...

Diz-lhe então: — Tens pena, filha,
De abandonar a família?...
Responde ela com ardil:

Ah! meu Deus, fazei-me um gosto...
Permiti que o mês de agosto
Caia este ano em abril...

A exemplo de X. de Castro, vários outros poetas cearenses compuseram cromos, entre eles Fernando Weyne, Antônio Sales, Antônio Martins, Amadeu Xavier de Castro (filho do poeta), e o padre Antônio Tomás. Deste último, vamos ler este "Cromo", transcrito do livro *Padre Antônio Tomás*, príncipe dos poetas cearenses (1958), de sua sobrinha Dinorá Tomás Ramos:

Voltando o Zeca da roça,
Não sei do que ele deu fé,
Com a Rita zanga-se e até
Dispõe-se a dar-lhe uma "coça".

Ela porém se alvoroça,
E diz-lhe batendo o pé:
— Não venha não, seu José,
Se vier, a cousa engrossa!...

Pelo barulho atraído,
Contempla os dois espantado
O filhinho mais crescido.

Diz um outro se safando:
— Credo! O papai está danado,
E a mamãe já está ficando.

A Padaria Espiritual, há pouco mencionada, foi, esclareçamos para quem acaso não saiba, o mais original de todos os grêmios culturais de nossa terra. Fundada em 1892 em Fortaleza, seu *Programa de Instalação* proibia aos "padeiros" (membros do grupo) "fazer qualquer referência à Rosa de Malherbe e escrever nas folhas mais ou menos perfumadas dos

álbuns", sendo ainda vedado o recitativo ao piano e "o tom oratório, sob pena de vaia". O autor desse Programa, que obteve tanto êxito no Ceará e até no Rio de Janeiro, foi Antônio Sales, que havia estreado em livro em 1890, com os *Versos Diversos*.

Nesse livro encontramos poemas com certa graça, mas nenhum que possa ser chamado de cômico. Já no segundo livro, *Trovas do Norte*, de 1899, há um cromo que retrata "O Gil", criança terrível, que mata passarinhos, fura o olho do gato, despenca da escada etc., cromo cujos tercetos dizem:

Se a mãe o perde de vista,
A conversar com os parentes,
O Gil percorre as alcovas

— Que barbeiro e que dentista! —
Tirando os dentes aos pentes,
Fazendo a barba às escovas!

Mas, quem ler os livros de poesia publicados por Antônio Sales não terá certamente idéia da singular veia humorística do poeta. É que nunca chegou a ser editado o livro que o poeta anunciara com o título de *Fora do Sério*. Desse livro constariam alguns textos que Leonardo Mota reproduziu no seu livro *A Padaria Espiritual*, de 1938. Como esta quadra:

"É muito cheio de si!"
Dizem de ti. Frase errada!
Eu coisa alguma já vi
Que esteja cheia... de nada...

Ou esta outra:

Vi um médico fardado;
Que perfeito matador!
Quem escapar do soldado
Não escapa do doutor.

Ou ainda estas duas:

É difícil que aconteça
Dor de cabeça ela ter:
Pode a dor aparecer,
Mas não encontra a cabeça.

Em certo escritor satírico,
De uma irreverência atroz,
Nós achamos muito espírito,
Quando não fala de nós.

E este epigrama, sobre um professor:

Durante a vida inteira ele ensinou,
Sem uma folga ter,
De maneira que o tempo lhe faltou
Para aprender...

Nos primeiros anos do século, o *Correio da Manhã*, do Rio, é contra a permanência de Nuno de Andrade na diretoria da Saúde Pública, ao tempo de Campos Sales, mas o higienista não arreda o pé. É então que Antônio Sales, na secção "Pingos & Respingos", que mantém com outros escritores no prestigioso jornal, publica, diariamente, uma quadrinha de sua autoria, terminando sempre com o verso "Tudo passa e o Nuno fica". Ficou famosa esta:

De certas damas, às vezes,
A barriga estica, estica,
Mas, ao fim de nove meses...
Tudo passa. E o Nuno fica.

Pedro Nava, sobrinho afim de Sales, transcreve em seu *Baú de Ossos* (1972) várias dessas quadras, como esta:

O Manuel José de Soisa
Idolatrava a Xumbica;
Agora nem *cumo coisa*...
Tudo passa, e o Nuno fica.

Sabendo Sales que Nuno de Andrade, furioso, havia dito que uma das rimas o poeta guardara para a mãe, no outro dia aparecia esta quadra picante:

Morre a flor que mais se estima,
Morre o espinheiro que pica.
(Seu Nuno, gostou da rima?)
Tudo passa, e o Nuno fica.

Devido ao êxito dessa campanha, que culminou com a saída de Nuno de Andrade, o poeta repetiu a dose logo depois, focalizando desta vez o ministro J. J. Seabra, do governo Rodrigues Alves. O verso final era "Só tu, Seabra, não sais":

Sai o cobre do Tesouro
(E ao sair não volta mais)
Sai do povo a pele e o couro,
Só tu, Seabra, não sais!

Ocorre, porém, que, no tempo de Nuno de Andrade, interessava ao governo a nomeação de Osvaldo Cruz, como lembra Pedro Nava, que acrescenta: "No caso Seabra os ataques atingiam ministro prestigiado e com a Bahia por trás." (2)

Assim, quem saiu foi o poeta, que se despediu com esta quadra:

Sai o Sales do Tesouro,
Vai para as plagas austrais
Comer churrasco com couro...
Só tu, Seabra, não sais!

Mas é evidente que não detectamos humorismo apenas nos versos dos autores cearenses: embora com menor frequência, vamos encontrá-lo também na prosa de ficção.

Talvez nem todos os que leram *Luzia-Homem*, o conhecido romance de Domingos Olímpio, se lembrem de uma passagem cômica, uma verdadeira anedota. Trata-se de um episódio que fala de figuras reais, ou seja, os membros daquela Comissão Científica da qual fazia parte Gonçalves Dias. Está no capítulo 27, e é narrado pelo personagem Raulino.

Depois de falar dos cientistas que andaram pelos sertões a pesquisar, e de citar os nomes dos principais, narra o vaqueiro:

Depois de jantarem um bom traçalho de carne de vaca gorda que parecia um leitão, assada no espeto, algumas linguiças e um chibarro aferventado com pirão escaldado, armaram as redes nos esteios. Veio a noite, clara como dia, sem uma nuvem no céu, liso como espelho. Convidava mesmo a

2) NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973, p. 247-8.

gente a dormir na fresca do alpendre. Ali pelas sete horas, disse a eles o velho: "Achava melhor vossas senhorias passarem cá para dentro, porque vem aí um pé-d'água de alagar." Ora, os doutores, que sabiam tudo e adivinhavam pelas estrelas as mudanças de tempo, zombaram do aviso; saíram para o terreiro e olharam para o céu, sempre limpo e claro, para verem o que diziam as estrelas. O mais sabido deles, o *doutô* Capanema, disse que o velho estava sonhando com chuva, mania de sertanejos, que não pensam noutra coisa. Teimaram em ficar no alpendre, embora o velho continuasse a assegurar que se arrependeriam. Quando estavam ferrados no sono, ali pelas onze horas, acordaram debaixo d'água e correram com a rede nas costas, em procura de abrigo dentro da casa, todos admirados uns dos outros, como haviam mangado do velho. De manhã, antes de deixarem o rancho, foram agradecer a hospedagem, e um deles perguntou ao velho: "Como é que vossa senhoria percebeu sinais de chuva, que escaparam a nós outros científicos envergonhados do quinau de mestre que nos deu?" O velho sorriu, e respondeu: "É muito simples. Tenho ali, no cercado, um burro velho que, quando se está formando chuva, rincha de certo modo: é aquela certeza. A chuva vem sem demora. Foi por isso que avisei a vossa senhoria." O tal de Gonçalves Dias, pequenino, muito ladino e esperto, começou a bulir com os outros, dizendo a eles: "Estamos numa terra, onde burros sabem mais que astrônomos."

Para quem estranhe essa página alegre num romance de fabulação tão trágica, valemo-nos de um dado extraliterário para sugerir que o ficcionista deve ter-se servido do vaqueiro Raulino para pôr no seu romance um pouco da sua própria verve, pois, segundo o depoimento de Antônio Sales, que conviveu com ele no Rio, "Domingos Olímpio, se era um cearense legítimo pela inteligência e pela sensibilidade, o era também pela graça às vezes picante e mordaz do seu espírito." (3)

Como lembrou Procópio Ferreira, há motivos perenes e motivos transitórios para o riso. Destes últimos o mais típico talvez seja aquele que preside à sátira endereçada a pessoas

3) SALES, Antônio. *Retratos e Lembranças*. Fortaleza, Castro e Silva — Editor, 1938, p. 212.

que pontificaram ao tempo do poeta: passada as personagens que serviram de modelos aos versos, a sátira perde muito de sua graça. Se as pessoas satirizadas o foram sem a competente identificação, menor ainda será a dose de humorismo, pois, em muitos casos, cada vez será mais difícil a identificação dos retratados.

Tudo isto é dito tendo em vista o livro *Maricas & Maricões*, de Gilberto Flores, obra que, editada em 1912, teve segunda edição duplamente aumentada em 1915. Esse livro, cujo autor era na verdade Irineu Filho, causou escândalo em sua época, quando era mais fácil reconhecer a maioria dos focalizados. Entretanto, suas sátiras não deflagram hoje o riso que deflagram há mais de 70 anos.

Ainda hoje discutem os pesquisadores para saber quem realmente era o "Ceguinho", ou o "Formigão", ou, ainda, o "Tenente Vate". Mas todos os que tratam de nosso passado literário sabem que "Adão" é Ulisses Bezerra; que "Eva" é Alba Valdez; que o "Benemérito" é Rodolfo Teófilo; que "O Oculista" é Paula Rodrigues; que "Alcuim" é Frota Pessoa etc.

Para dar um exemplo da sátira de Irineu Filho, leiamos o soneto "O Marrêco", no qual é caricaturado Alf. Castro, poeta parnasiano de valor, tradutor de Heredia, e cujo único livro publicado foi *De Sonho em Sonho*, de 1906:

Vem agora um Maricas convencido
De ser o maior vate... depois de Eva!
É baixo, e loiro e rubro... e é tão nutrido
Como um porquinho ruivo que se ceva!

Fabricou muito verso desmedido.
No hemistíquio, ninguém o sobreleva;
Lê e traduz Heredia com esprimido
Rigor de forma, que é o que mais o enleva!

Hoje — não sei que torvo cataclismo
Na alma lhe entrou com estrépito medonho,
Alma e crânio deixando-lhe carecas...

Sei, porém, que perdeu todo o lirismo...
E a lira, que nasceu de *sonho em sonho*,
Foi morrer ao compasso das marrecas!...

Irineu Filho, autor do poema "O Saara", foi logo indigitado como sendo o Gilberto Flores, desde a primeira edição do

livro. Por isso, na segunda, de 1915, há um soneto retratando "O Pigmeu", que é chamado de "Vate do *Saara* de apertado piso". Esse poema foi feito evidentemente para despistar os acusadores, e termina com estes versos:

— Quebre a lira, abandone essas pieguices,
Destruía o que escreveu... Versos de amores,
Por melhores que sejam, são tolices!...

Entre na vida real, enfrente as dores...
E — sobretudo! — deixe as gabolices
De andar passando por Gilberto Flores!...

Mais tarde, no jornal *A Nota*, em 1919, sob o pseudônimo de Dr. Rábula, fez os perfis de todos os bacharéis em Direito de 1918. Dolor Barreira, no v. 3 de sua *História da Literatura Cearense*, de 1954, reproduz alguns desses perfis em sonetos, inclusive o que retrata o próprio autor, isto é, "I. F.":

É das melhores raças dos nanicas
Este bacharelado pequenino,
Autor de versos próprios de meninos
E melosas estrofes impudicas...

Dão-lhe a odiosa autoria do "Maricas"
Que causou tanto alarme e desatino,
Lançando humor sarcástico, ferino,
Contra as gentes mais nobres e mais ricas.

Da vida apenas aprecia o cômico...
Não leva nada a sério neste mundo,
Nem nada lhe parece encantador...

No estudo sempre foi muito econômico...
Mas, para não ficar um vagabundo,
Sem ter o que fazer, se fez doutor.

O autor destas notas teve oportunidade de conversar com o poeta uma única vez, da Praça do Ferreira para a Praça do Coração de Jesus, e ao lhe perguntar se ele era realmente o autor dos *Maricas & Maricões*, ouviu o já velho poeta responder: "Não. O autor do livro é o Gilberto Flores..."

Num trabalho sobre o cômico nas letras do Ceará não poderia naturalmente faltar aquele que Agrippino Grieco

chamou de “o primeiro ironista do Ceará de todos os tempos”, (4) que é Quintino Cunha.

Advertimos, porém, que o poeta de *Pelo Solimões*, no que tange ao cômico, talvez não apareça aqui em toda a sua verve esfuziante, famosa em todo o País. É que, sendo nossa proposta tratar de literatura, aqui certamente não aparecerão as famosas anedotas do Quintino, que pertencem, na verdade, à vida literária. No poema humorístico tem o poeta páginas dignas de nota, mas o seu forte era a resposta de improviso.

No livro *Diferentes*, com que estreou em 1895, há contos e poemas, como informa a filha do escritor, Lourdite Cunha, no livro *Quintino Cunha no Conceito de Seus Contemporâneos* (1964). Um dos poemas é este cromo, “Cena de 1893”, que reproduzimos de *Verve Cearense* (1969), de Renato Sôldon:

Por um rancho aonde está
reunida muita gente,
passa uma rede... e se sente
que coisa de novo há.

Um molecote de lá
do rancho, tomando a frente,
pergunta, curiosamente,
aos carregantes: — “Olá!...

Vai morto ou vivo?” — E o doente
que vinha, pela aguardente,
toldado de cabo a rabo,

ergue o lençol que o esconde,
bota a cabeça e responde:
— Vai é *bebo* como o diabo!...

Sôldon, que é sobrinho do poeta, reproduz nesse seu livro o poema “Spes Unica”, acrescentando que os versos lhe foram ditados por Quintino Cunha, estando este enfermo, “pedindo depois que os mostrasse à sua amantíssima terceira esposa”: (5)

4) Apud CUNHA, Lourdite. *Quintino Cunha no Conceito de Seus Contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro, Continente, 1964, p. 138.

5) SÔLDON, Renato. *Verve Cearense*. Rio de Janeiro, Edição do Autor, 1969, p. 37.

Morto, dentro da fria sepultura,
sem te poder falar?
E tu que me amas, boa criatura,
indo me visitar...

Banhada de suspiros, de soluços,
desmaiada, talvez...
Muita vez reclinada, até de bruços,
na altura dos meus pés.

Pedindo a Deus o meu viver eterno
junto das glórias suas;
que me livre das penas do inferno...
E a chorar continuas,

lembrando nossa vida, a todo instante,
Repassada de dor...
A lembrar-te que fui o teu amante
— o teu único amor!

Mal pensando na horrífica caveira,
em que me transformei,
exausto de fadiga, de canseira,
imaginar não sei...

Para evitar essa hora amargurada,
essa quadro de dor, tão verdadeiro,
Deus há de ser servido, minha amada,
que tu morras primeiro!...

Trata-se de um poema de humor negro, valendo-se o autor do recurso da surpresa: composto em seis estrofes, até chegarmos à quinta, e mesmo ao iniciarmos a última, aparece-nos o poema como um poema elegíaco, de trágica e pesada atmosfera, quebrada, porém, pela *boutade* final, que destrói todo a solenidade dos versos anteriores...

É ainda Renato Sôldon quem conta que, logo depois de 1930 houve uma desmoralização do ensino no Brasil, dando, como consequência, uma chusma de doutores apenas semi-alfabetizados, o que levou Quintino Cunha a escrever "O Cavalo":

O mérito, em declínio, é sempre oriundo
de um suposto valor:
o cavalo foi tudo, neste mundo,
desde escravo a Senhor!

Na Arábia, foi Herói; na Grécia, Trono;
em Roma, Senador!
Hoje, no mais humílimo abandono,
mal chega a ser doutor...

Eurico Facó, autor do livro *Pingos d'Água* (1918) e de inúmeros sonetos esparsos, compôs um dia o poema "Enganos", baseado nos equívocos da vida. É mais um texto cuja comicidade advém do imprevisto final, contrastando com o seu início:

Eu disse: Eu morro! — Espero! Ela me disse
Quando a sorte cruel nos separou.
Parti. Voltei anos depois... Alice
Mostrou-me seu marido... Que tolice!
Nem eu morri, nem ela me esperou.

Otacílio de Azevedo, autor do soneto "Carro de Bois", publicou em 1920 uma plaqueta constituída por um só poema, intitulado *Musa Risonha*. Apesar do título, traz esse livro, como já se observou, momentos de humorismo e momentos de tristeza. *Musa Risonha*, que é uma espécie de autobiografia do poeta, é composto de quadras, mas abre exceção para um soneto, retratando um dos companheiros de Otacílio de Azevedo na mocidade, "O Cunha":

Eu tive um grande amigo, um belo moço,
que apesar de ser pobre, às vezes tinha
o orgulho de dizer sem mais sobrosso,
só passar a perus, frangos, galinha...

Convidou-me, um domingo, para o almoço,
e eis uma estreita e mísera banquinha,
uns três pratos carne, arroz, um osso,
e uma lata pequena de sardinha...

Depois de me dizer que, mesmo pobre,
passava a vida como gente nobre
toda a sopa no mel súbito cai...

Grita um menino que matava a fome:
— "Hoje sim, hein mamãe, a gente come,
como é bom este amigo do papai!"

Júlio Maciel, o cantor de *Terra Mártir* (1918), vez por outra gostava de praticar o epigrama. Como este, "Um Médico":

Vendo-o baixar à campa fria,
Um verme triste assim dizia:

— Lá na cidade, onde morava,
Este doutor mais nos convinha:
Cada receita, que passava,
Era um defunto que nos vinha.

Não poucas vezes fazem os poetas humorismo com sua própria tristeza. É o caso de Augusto Linhares, neste poema, "Retratos":

Retratos... Antigamente,
Lembras-te? Nossos retratos
Pareciam-se com a gente;
Mas hoje... tempos ingratos!
Queremos forçosamente
Parecer com tais retratos!

A nosso ver, um dos melhores momentos da verve cômica de Augusto Linhares (que às vezes se assinava Bóris Freire) é a trova intitulada "Preguiça":

Quando sinto o que se chama
Vontade de trabalhar,
Deito-me logo na cama,
Até a vontade passar!

Leonardo Mota, o folclorista dos *Cantadores* (1921), escreveu sonetos na mocidade, mas não nos consta haver perpetrado nenhum verso de caráter faceto. O que ele fez foi recolher, nos vários livros que publicou, inúmeros poemas populares, cheios do fino humor do nosso povo simples, bem como episódios que são o relato de cenas vistas por ele ou das quais teve notícia, em suas andanças pelo interior nordestino. Esses versos e esses casos ele os reunia para expô-los em conferências e enfeixá-los em livros. Por isso ele próprio, no final do livro *Violeiros do Norte*, de 1925, contou que, à saída de uma de suas palestras, um velho matuto lhe disse, sorrindo:

— Mas, seu Dotô, bem que se diz que neste mundo tem gente pra tudo e ainda sobra! Ora, Vossenhoria — um Doutô! — pra que é que haverá de dar? Pra juntar as besteiras da gente e andar fazendo discurso com elas...

Fato real ou anedota no sentido mais comum do termo, o episódio a que o escritor dá tratamento literário entra forçosamente para a literatura. Como, entre tantos, o caso de "A água se acabava", breve narrativa que figura no livro *Sertão Alegre*, de 1928, o terceiro livro de Leota. A Chiquinha, filha do velho Galdino, era, em sua terra, "a mais linda promessa de mulher bonita", como diz o narrador, que prossegue:

Noite de São João, houve um arrasta-pés na casa de Galdino. As danças iam muito animadas, quando a Chiquinha sentiu súbita indisposição: dois ou três cálices de licor de tangerina lhe tinham subido à cabeça. Desculpando-se de não poder dançar aquela "figurada", ela tratou de ir repousar um pouco. Na alcova, cuja porta aberta dava para o corredor que levava à sala de jantar, estirou-se a fio comprido numa rede. Mas, naquele estado de torpor, e quase inconsciência, não cuidou em ajeitar as saias curtas, resultando disso ficar meio desnuda. Um rapaz viu-a assim e saiu bisbilhoteiramente a avisar os companheiros. Daí a pouco, sob o pretexto da procura de água na sala de jantar, havia intenso trânsito no corredor... O velho Galdino observou a coisa e acabou descobrindo a razão de tanta sede. Mas, não deu nenhum escândalo. Chamou a mulher e ordenou-lhe calmamente:

— Biluca, vá dizer à Chiquinha que se deite direito senão esta rapaziada me seca os potes...

Sabemos que, com o advento do Modernismo, surgiu no Brasil um tipo de poema que Sérgio Milliet chamou de "poema-piada", e que tinha o objetivo de quebrar a solenidade do discurso parnasiano-simbolista.

No Ceará, o livro inaugural da nova estética, *O Canto Novo da Raça*, apareceu em 1927, e era assinado por quatro poetas: Jáder de Carvalho, Mozart Firmeza, Franklin Nascimento e Sidney Neto. Há nesse livro um poema-piada, de Jáder, intitulado "Modernismo":

Teu cabelo à Rodolfo,
tuas olheiras românticas,
teus quadris inquietos e atordoadores,
teus seios bico-de-pássaro
dão-me a idéia cabal deste século ultra chic!

Ontem, quando deixavas o cinema,
— o colo nu,
os braços nus,
a perna escandalosamente nua,
eu tive a súbita impressão de que,
na bolsa de ouro a te pender da mão,
vinha (de precavida que és!)
— o teu vestido...

Franklin Nascimento, outro dos quatro autores do livro, haveria de compor, posteriormente, algumas trovas cômicas, como estas duas, que figuram na *Coletânea de Poetas Cearenses* (1952), de Augusto Linhares:

Caim, garoto, comia
Massapê de causar dó,
Pelo que Abel lhe dizia
— Tu acabas com vovó!

Casamento é loteria,
Desde os tempos de Labão:
Jacó, recebendo Lia,
Pegou a aproximação.

E por falar em casamento, Martins d'Alvarez compôs sobre o tema diversas quadras, das quais destacamos estas:

Moço sem eira nem beira
que ao casório se aventura,
compra ingresso de primeira
para o drama da amargura.

Casar é propor-se ao ato
de domar um touro a unha!
Por isso exigem contrato,
compromisso e testemunha.

Edigar de Alencar, modernista da primeira hora e epigramista aos bons, já no seu livro de estréia, *Carnaúba*, de 1932, fala do casamento em duas trovas:

Himeneu

Amor. Sorriso. Alegrias.
Pretor. Latim engrolado.
E dentro de poucos dias
Mais um homem desgraçado.

Tragédia

Ato primeiro: Namoro.
Segundo ato: Casamento.
Terceiro ato: Desaforo.
Final: Arrependimento.

Edigar chegou a publicar um livro só de versos humorísticos, *Mocororó*, em 1942. Desse livro é o mordaz epigrama "Piscina":

Madama é um poço de virtudes,
ninguém nega o conceito transparente.
Pena é que no poço não mergulhe
o marido somente.

Na Geração do Grupo Clã o destaque maior, no campo de que ora tratamos, é para Milton Dias, que fez do humor a matéria-prima da maior parte de sua obra literária, composta de crônicas e de histórias, como ele mesmo chamou seus contos. Pintando as peripécias e sobretudo as desventuras da gente simples, principalmente as domésticas e as prostitutas, isto é, as cunhãs, que focalizou em mais de um livro, Milton Dias, como já tivemos ocasião de observar, narra fatos cheios de humor, mas sem disfarçar a simpatia e mesmo a piedade que lhe inspira essa pequena humanidade. Muitas vezes, à maneira dos filmes de Chaplin, misturam-se cenas tristes a episódios hilariantes, mas o que predomina é o cômico.

Em *As Cunhãs*, de 1966, há uma Laurinda que faz desaparecer os objetos mais amados da patroa, que, entretanto, não se preocupa e, quando ela sai, consegue reaver tudo de novo. Numa dessas batidas encontra várias cartas, com coisas deste teor:

Laurinda saudações espero que esta vá te encontrar no gozo da mais perfeita saúde juntamente com todos. Raço esta cartinha somente para saber suas notícias. Laurinda a mamãe manda dizer que Deus te abençõe e que tu tenha comportamento e aprenda bem a ler. Laurinda manda dizer urgente o que é que está mais em moda nas irradiadoras daí pois aqui o sucesso é Partiste aquela que tem um pé que diz deixaste de ser mãe para ser mulher da rua.

Em outra estória do mesmo livro, desfilam, uma a uma, três irmãs, filhas da velha Hermínia, cuja condição de ex-prostituta parece refletir-se no destino dessas Marias. Falando da primeira delas, diz o narrador que ela “é o orgulho da mãe, que continua no sertão”. E continua:

Está no Rio a Maria. É a que está melhor de todas, mora num “departamento”, casou com um gringo, tem automóvel e todo conforto.

Uma vez lhe perguntaram se Maria está mais gorda, ela respondeu com alegria d'alma: — Nem gorda, nem magra, está assim medieval...

Horácio Dídimo, que estreou em 1967 com *Tempo de Chuva*, não é bem o que se poderia chamar de um poeta cômico. Mas na sua poesia o humor (ou o hùmor, como prefere Sud Mennucci) se instala vez por outra, não para nos fazer gargalhar, é claro, mas para nos fazer levemente sorrir.

Do seu livro *Tijolo de Barro*, de 1968, é este micropoema, “a sobremesa”:

quem sabe o que vem depois?

jantamos nossos churrascos
contra a vontade dos bois.

Ou este outro, “o circo dos pequenos desvelos”:

a avestruz pensava com os seus botões
procurando um meio de comê-los.

E mais este, “a solução”, que já dissemos uma vez ter o recorte aparentemente humorístico, mas na essência guarda uma dolorosa (ou consoladora) verdade:

daqui a cem anos,
todos os nossos problemas
nos terão resolvido.

Do mesmo ano de *Tijolo de Barro*, de Horácio Dídimo, é o *Strip Tease da Cidade*, de César Coelho, tropeiro, radialista e jornalista. Seu livro reúne crônicas que publicou na imprensa. Basta ler alguns títulos do livro para ver o caráter humorístico dessas narrativas: "E deu a vaca", "Uma mulher na rifa", "Até a dentadura", "Era uma vez Pedro Manso" etc.

"O Gênio do Vestibular" fala do Lobinho, filho do seu Lobo, rapaz esnobe que tem fama de intelectual, um verdadeiro Rui Barbosa. Era o tempo em que Rachel escrevia suas crônicas na revista *O Cruzeiro*, e o moço se preparou para o vestibular de Direito. Vamos dar a palavra ao narrador:

Chegou finalmente o dia do vestibular. Prova de Português na parada. Lobinho saiu de casa com a frieza e a paz das genialidades. Não levou livro, caderno, coisa alguma. Ia com toda a autoridade de seu talento. Beijou a mãe e esnobou:

— Velha, fique certa de que a Salamanca num se manca com o seu filho. Eu tacho um dez nessa provinha de português.

Foi-se com tudo. Muito cedo retornou. Vinha triunfante. Da porta, deu o berro para o pessoal de casa, numa euforia que explodia por todos os poros:

— Lavei. Lavei. Sabe quem foi que caiu? Quá quá quá. Parece até piada. A Eça de Queiroz, aquela dona que escreve no CRUZEIRO. Que tal, turma? Que tal? Quá quá quá quá. Eu acho é graça!

Henri Bergson, em seu livro *O Riso*, depois de afirmar que não há comicidade fora do que é propriamente humano, sendo o homem não apenas um animal que sabe rir, mas igualmente um animal que faz rir, fala da insensibilidade que acompanha o riso, e observa:

A indiferença é o seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a emoção. Não quero dizer que não possamos rir de uma pessoa que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, por alguns instantes, dever-se-á esquecer esta afeição, fazer calar esta piedade. (6)

6) BERGSON, Henri. *Le Rire*. Deuxième édition. Paris, Félix Alcan, 1913, p. 4.

Talvez, por isso, jamais tenhamos aceito falar-se de poesia cômica, preferindo sempre falar em poema ou verso cômico. Todavia, é preciso ser poeta, aqui tomando-se o termo poema no sentido original, aristotélico, de criação, para produzir uma arte que desperte o riso.

Nem todos os autores cearenses que escreveram páginas humorísticas estão aqui. (7) Valha, porém, a coleta que a nossa sensibilidade, ou melhor, que a nossa insensibilidade (segundo Bergson) conseguiu fazer...

7) Não falamos, por exemplo, em Emídio Barbosa (o Chammarion, ou João dos Gatos), em José Gil Amora (o José da Rua), em Abílio Martins e vários, vários outros...